

RECORTE DE JORNAL-Nº10

SURDOS –

.FENEIS

.FMDS

.INES

1

Antônio Campos de Abreu
2007

Surdo comemora o seu dia

Amanhã é o Dia do Surdo. E eles pedem espaço para se manifestarem e reivindicarem alguns direitos, seja através da linguagem gestual, seja pela compreensão labial. E, como todas as classes, também farão festas e competições esportivas. Só que com um único objetivo: arrecadar verbas para a sobrevivência da Associação dos Surdos de Minas Gerais, filiada à Federação Mineira Desportiva dos Surdos de Minas Gerais. Nada mais querem do que a valorização, por parte da sociedade, dos deficientes auditivos.

Para o presidente da Associação e da Federação Mineira dos Surdos, Antônio Campos de Abreu, no mundo atual, os preconceitos são as maiores barreiras que os deficientes auditivos encontram, porque esses provêm da ignorância da sociedade, que prefere não conviver com essas pessoas, talvez por comodismo ou egoísmo. Lamentou que a classe também não tenha um apoio maior por parte do governo, apesar da concessão do direito de assistir e entender filmes que passam na TV (Lei que obriga as emissoras de televisão a exibirem um filme, por mês, com legenda).

Mesmo assim falta muita coisa, frisou Antônio Campos, como uma participação efetiva dos surdos no Serviço Militar, coisa que já existe em Israel, o que comprova o perfeito entrosamento na sociedade. Além das sedes próprias para as associações, pois como a nossa de Minas Gerais e outras do Brasil,



Diretoria da Federação Mineira Desportiva dos Surdos. Ao centro, presidente Antônio Campos de Abreu.

também pagam aluguel. É necessário que tenhamos condições básicas, como escola, alojamentos, praças de esportes, o que proporcionaria um melhor desenvolvimento do deficiente auditivo em todos os aspectos.

Em pesquisa feita pela Associação entre seus 825 associados, segundo o presidente dos deficientes auditivos, ficou provado que eles gostariam de poder entender os noticiários na televisão e poder discutir os assuntos que também interessam aos surdos. Mas ainda não sabemos o que poderia ser feito neste sentido, apesar de a Associação buscar sempre o entrosamento do deficiente com a sociedade, através do contato com outras entidades de surdos do País. Somos uma classe como qualquer outra, organizamos excursões, possibilitando aos associados conhecerem novas cidades e com

isto ampliar seus conhecimentos. Mas devido à renda da Associação, nem sempre é possível manter estas atividades sociais, e formos considerar que a Associação vive da contribuição dos associados (recolhem cruzeiros para os rapazes e oitocentos para as moças).

Precisamos de oficinas para o ensino profissionalizante do deficiente auditivo, mas não temos condições de manter uma escola com aprendizado didático. Muitos surdos desistem de estudar em escolas não especializadas, porque o próprio meio o desestimula, pois ele é marginalizado e vítima de gozações e brincadeiras. E é por este motivo que, neste dia dedicado aos deficientes auditivos, pedimos ao governo e a toda a sociedade que olhem pelo surdo e o ajude a conquistar um lugar.

Jornal de Shopping - 14/09/80

Em defesa do surdo

Sou uma pessoa surda e, por isso passo ao seu conhecimento o seguinte: nós não conhecemos, não entendemos os problemas que ocorrem na sociedade brasileira. O surdo de Minas Gerais é considerado pela sociedade como uma pessoa excepcional, uma pessoa boba, uma coitada, que não é nada mais do que um estorvo para eles. E isso, por falta de uma escola especial, principalmente para o surdo adulto, que na infância não teve condições para isto, e hoje não pode desenvolver o seu conhecimento. Não pode porque muitos deles trabalham durante o dia e à noite não há es-

colas especializadas para surdos. Falo verdade quando digo que o ensino do surdo é incompleto. O surdo tem a cabeça "vazia".

Sou diretor da Associação dos Surdos de Minas Gerais. Meu nome é Antônio Campos de Abreu. Nasci em Abaeté e tenho 24 anos. Estudei no Instituto Nacional de Educação do Surdo, no Rio de Janeiro. Atualmente estou trabalhando na Usiminas como encadernador. Gostaria que o Jornal fizesse uma reportagem sobre o assunto. Agradecido pelo interesse.

(Antônio Campos)

— Vamos entrar nesta

Jornal de SHOPPING, 14/9/80

Comunicação

Jornal da TV Minas atinge também

Os surdos-mudos, ou somente surdos, mineiros já podem acompanhar o telejornal de pelo menos uma emissora de televisão: a TV Minas, canal 9. É que desde outubro de 1986 o "Jornal Minas", 1ª edição, que vai ao ar diariamente às 19h30m, vem sendo apresentado simultaneamente por um locutor comum e por uma intérprete que traduz a notícia em linguagem gestual, através de uma pequena "jalena" no canto superior do vídeo.

A experiência - apesar de antiga em outros países do mundo - é ainda uma novidade em termos de Brasil. As primeiras iniciativas surgiram em 1986: primeiro na "TV Bandeirantes" do Rio de Janeiro, no mês de julho e depois, na "TV Minas", em Minas Gerais, no mês de outubro. Mas foi só. Até hoje nenhuma outra emissora implantou a linguagem gestual para facilitar a informação aos surdos.

Comunicação: maior problema

Interrogada em Belo Horizonte sobre o papel do intérprete nos meios de comuni-

Mary Lane



A intérprete (dir. no alto) possibilita a comunicação

cação, uma pessoa surda disse: "Antes da experiência da TV Minas, assistir a um telejornal era um incômodo muito grande para o surdo. Era preciso apelar para os familiares e amigos que nem sempre têm paciência para ajudar. Então acontecia o seguinte: a gente desistia de perguntar, sentia-se sozinho, para não dizer revoltado, porque queria obter informação e não tinha ninguém para informar".

Entre os muitos problemas que os deficientes auditivos enfrentam em consequência da surdez, o maior deles é mesmo relativo à co-

municação. Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), até os bem oralizados têm dificuldade para entender, perfeitamente, o que os ouvintes dizem. Além disso, o surdo tem dificuldade para expressar adequadamente seus próprios pensamentos e sentimentos.

Antônio Campos de Abreu, vice-presidente da FENEIS, acredita que "se os ouvintes usassem sinais ao mesmo tempo que falam, o problema poderia ser menor". Segundo ele; "a maioria dos surdos sente grande alegria em sair do seu mundo

do
e co
sina
ten
de"

I

aos
inf
"Jo
Mi
cia
ber
à p
jor
ça
inc
cos
fre
dra
do:
mu
ra'
rev
é I

ve
ter
de
ela
co
te
ta
Su
da
ra
si
na

...s atinge também surdos-mudos



...possibilita a comunicação

...comunicação. Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), até os bem oralizados têm dificuldade para entender, perfeitamente, o que os ouvintes dizem. Além disso, o surdo tem dificuldade para expressar adequadamente seus próprios pensamentos e sentimentos.

Antônio Campos de Abreu, vice-presidente da FENEIS, acredita que "se os ouvintes usassem sinais ao mesmo tempo que falam, o problema poderia ser menor". Segundo ele; "a maioria dos surdos sente grande alegria em sair do seu mundo

do silêncio por uns minutos e comunicar-se por meio de sinais com alguém que os entende, respeita e compreende".

Benefícios recíprocos

Feliz por proporcionar aos surdos a possibilidade da informação, a intérprete do "Jornal Minas", Deise Garcia Miranda, garante que a iniciativa da "TV Minas" tanto beneficiou os surdos quanto à própria emissora: "Antes o jornal era comum, e a presença do intérprete serviu para inová-lo. Os problemas técnicos que o pessoal às vezes enfrentava por causa do 'quadradinho' foram logo superados. Além disso aumentou muito a audiência da emissora". A outra intérprete que reveza no trabalho com Deise é Luciana Tavares.

Para Deise, também a nível pessoal, a experiência tem sido enriquecedora. Filha de pais deficientes auditivos, ela sempre esteve envolvida com a atividade de intérprete, devido a sua ligação constante com a Associação dos Surdos de Minas Gerais, entidade que seu pai presidiu durante dois anos. Mesmo assim, "não esperava profissionalizar-me como intérprete

para surdos. Fico feliz também porque essas pessoas estão tendo acesso à informação".

O trabalho de Deise e Luciana na opinião do vice-presidente da FENEIS facilita muito a comunicação e compreensão dos deficientes auditivos. Segundo ele, o intérprete é um intermediário entre dois mundos distintos: o dos ouvintes e o dos surdos. E, a língua dos sinais é uma comunicação direta, rápida e flexível, muito mais compreendida que o acompanhamento através da leitura labial.

Mas, de acordo com dados da FENEIS, além de ser raro os intérpretes na televisão, são pouquíssimos os programas legendados. E, como se não bastasse, a própria língua brasileira escrita é difícil para muitos adultos que nasceram surdos ou ficaram surdos na infância. A razão disso - segundo Antônio Campos de Abreu - pode ser encontrada no método de ensino que era utilizado até recentemente nas escolas brasileiras, que proibiam ensinar usando a língua de sinais, dificultando ainda mais a comunicação dos surdos.



À DESCOBERTA DO MUNDO

O som para eles é um mistério. Um mistério que pode ser desvendado através de uma educação especializada. É por isso que o Instituto Nacional de Educação de Surdos da Guanabara abriga cerca de seiscentas crianças que buscam o som universal, comum a todos os surdos do mundo.

JORNAL DO BRASIL
29/09/72

DRAMA

Hoje, dia 30 de setembro
ontem, dia 29 de " (1972)

150 mil surdos e um Instituto



Na hora da hóstia Mímica ultrapassada

Os cento e cinquenta mil surdos existentes no País contam apenas com um órgão oficial para tratamento — o Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado na Guanabara, e que está completando 115 anos de atividades sem poder utilizar o seu sistema eletrônico da maior importância para a recuperação dos que têm deficiências auditivas, pois o temporal caído na última quarta-feira danificou completamente a aparelhagem.

Mas, o diretor Marino Gomes Ferreira, espera que, até o fim da próxima semana, o Centro de Reabilitação esteja outra vez em condições de ser usado, permitindo que o Instituto continue desenvolvendo um trabalho que apresenta resultados de até 50% de êxito.

Missa

O Cardeal D. Eugênio Salles celebrou missa na manhã de ontem no Instituto Nacional de Educação de Surdos criado em 1857, e que até 1957 foi conhecido como o Instituto Nacional de Surdos e Mudos. Esta designação desapareceu depois que estudiosos chegaram à conclusão de que a mudez era consequência da surdez. Com esta última desaparecendo, não existiria a mudez.

A tese que desvincula a surdez da mudez tem prevalecido modernamente, a ponto do médico Marino Gomes Ferreira, diretor do Instituto de Educação de Surdos, declarar:

— Um mudo tem grandes probabilidades de falar. É só serem corrigidos os seus defeitos auditivos. Conseguindo a superar a surdez, terá muitas possibilidades de falar. Já foi constatado isto. Para nós, o mudo não existe.

Para a recuperação do surdo, importante no Instituto é o Pavilhão Helen Keller, onde está o dotado de três cabinas de treinamento individual, uma sala de ritmo e de audiovisual. Este equipamento foi inaugurado este ano, dando uma eficiência elevada ao trabalho dos professores. Mas, a aparelhagem parou ao ser atingida pela chuva que se infiltrou no Pavilhão Helen Keller. Quando estiver em condições de funcionar novamente, vai permitir que o Instituto Nacional de Educação de Surdos prossiga no mesmo ritmo de trabalho.

Chega de mímica

Com a aparelhagem eletrônica, o tratamento dos surdos pode dispensar a mímica, pedagogicamente condenada, depois que os estudiosos chegaram à conclusão que o surdo poderia tornar-se um cidadão como outro qualquer, ao recuperar a audição.

Para que isto aconteça, são empregados os aparelhos de pilha, de volume controlado pelos próprios alunos. Quando o surdo acusa a captação de algum som, começa a ser observado mais atentamente. É um sinal de que a era da eletrônica está ajudando na sua evolução, conduzindo-o na busca de recuperação de um dos sentidos mais importantes do ser humano.

Depois que ele consegue captar algum som, os treinamentos são intensificados, visando dar-lhe condição de falar.

— Não é fácil, não — explica a professora Odete Rimoli.

— Mas nós vamos — continua ela — fazendo tudo quanto é possível para a reintegração do surdo.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos está atualmente com 600 alunos. Tem Jardim de Infância, Curso Fundamental, Curso Supletivo, Ginásio Orientado para o Trabalho, Ensino Profissional e Curso de Especialização de Professores para Surdos. Deste último é que saem os especializados que vão para outros Estados com emprego garantido em escolas particulares, a cada dia mais numerosas.

Nenhum destes novos professores aceita mais a datilologia como método de comunicação entre os que não ouvem e não falam.

Pela datilologia cada expressão manual corresponde a uma letra. Mas, o manualismo sistematizado por Juan Pablo Bonet no século XVII, na Espanha, deixou de servir com a ampliação do campo científico e do desenvolvimento da fisiologia e da anatomia.

Do campo científico, o Instituto Nacional de Educação de Surdos evoluiu para a eletrônica. Mas, a eletrônica talvez não possa ser ainda adotada em outros Estados, obrigando os professores a usarem o manualismo.

O problema

O problema dos surdos está resumido na bigorna, martelo e estribo. Estes três ossinhos, conhecidos popularmente por tais designações, estão situados no ouvido médio. Quando a bigorna, o martelo ou o estribo sofrem de afecção ou infecção, é a surdez que se constata através do audiômetro, um aparelho dotado de um painel para registrar a intensidade do som captado pelo aluno.

A surdez pode ser congênita ou adquirida.

Os congênitos nunca adquiriram a linguagem. Eles se diferem dos ensurdecidos porque os últimos sofrem da perda da audição depois de determinada idade. Os dois casos recebem tratamento no órgão dirigido pelo médico Marino Gomes Ferreira.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos é subordinado ao Departamento de Educação Complementar do Ministério da Educação.



A vez da eletrônica

Drama das crianças

Para chegar ao nível de desempenho da Copa, Brito teve de mudar seu temperamento



NA semana passada, Brito entrou num magazine do Méier para comprar uma tesoura. Levou três horas para sair: assinou seu nome centenas de vezes — em agendas, cadernos escolares e bolas de futebol —, almoçou com os gerentes e quase foi colocado na vitrina em frente da qual a multidão se concentrava.

Essa popularidade, longe de ser cansativa, o entusiasma. Ser longamente abraçado por um menino em lágrimas, no Instituto dos Surdos e Mudos, ou levado em triunfo pelas meninas de uma escola da Gávea são para ele experiências novas. Antes de ser campeão do mundo, Brito só conseguira, uma vez, o título de aspirantes, pelo Vasco da Gama.

Outra coisa: passados vários dias do regresso ao Brasil, nota-se ainda a disciplina mental e física do escrete em concentração. Para atingir as notáveis performances da Ccpa — onde foi considerado o jogador de melhor estado atlético — Brito teve que dominar muitas das tendências naturais de seu temperamento. Há seis meses, ainda reserva de Scala ou Baldocchi, confessava: "You lutar muito pela

minha posição. Durmo e acoro com essa idéia." Daí o futebol sbrío, que surpreendeu no zagueiro dado a brincadeiras na área e que chegou a ser liberado pelo Vasco da Gama como rebelde e indisciplinado.

Futebol à parte, Hércules Brito continua o mesmo sujeito esbróvito que gosta de conversa de criança, de tamborim e da Maracajueira. Em casa, levou muito tempo matando as saudades dos cachorros que cria. Conta que, no México, gastou 600 dólares em telefonemas para o Rio — e muitos deles fez questão de ouvir o latido de um dos cães para verificar se o animal estava sadio ou doente.

NO Flamengo, onde os companheiros o esperavam com grande euforia, contou muitas e novas piadas. Seu apelido ali é Jibóia — uma serpente de boa índole que distribui a todos camisas e chuleiras de recordação. Ao vê-lo, Yustrich advertiu:

— Olha, vocês foram campeões porque aquela sua barba horrível espanjava os adversários. Agora aqui não tem disso não!

DAVID RINGEL